



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

ELIANE SANTOS DA SILVA

**A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE COMO MEDIADORA DA APRENDIZAGEM:
UM RECORTE COM CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

**Miracema do Tocantins, TO
2022**

Eliane Santos da Silva

A influência da afetividade como mediadora da aprendizagem: um recorte com crianças nos anos iniciais do ensino fundamental

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins - Campus de Miracema – para obtenção do título em Licenciatura em Pedagogia sob orientação da Prof^a. Dr^a. Brigitte Ursula Stach-Haertel.

Miracema do Tocantins, TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S586i Silva, Eliane Santos da.
A influência da afetividade como mediadora da aprendizagem: um recorte com crianças nos anos iniciais do ensino fundamental. / Eliane Santos da Silva. – Miracema, TO, 2022.
53 f.
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2022.
Orientadora : Brigitte Ursula Stach-Haertel
1. Afetividade. 2. Relação professor-aluno. 3. Aprendizagem. 4. Educação.
I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ELIANE SANTOS DA SILVA

A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE COMO MEDIADORA DA APRENDIZAGEM: UM
RECORTE COM CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins, Campus de Miracema, Curso de Pedagogia foi avaliado para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação: 05/05/2022.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Brigitte Ursula Stach-Haertel, Orientadora, UFT.

Prof^ª. Dr^ª. Kalina Ligia Almeida de Brito Andrade, Examinadora, UFT.

Prof^º. Dr^º. Antonio Miranda de Oliveira, Examinador, UFT.

Dedico este trabalho aos meus filhos, aos meus pais, ao meu esposo Délio (*in memoriam*), aos meus companheiros de curso Alana, Poliana Sara, Richelle, Wanilson e a professora Brigitte Ursula pelo incentivo e grande apoio durante todo o curso.

E, por fim, dedico a todos os meus professores que, durante minha vida escolar proporcionaram o necessário para o sucesso da minha aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esse trabalho, quero agradecer:

A Deus que em todos os momentos me guardou, me sustentou, deu forças e proporcionou a oportunidade de estudar e expandir meus conhecimentos e habilidades.

Ao meu amado esposo Délio que sempre me incentivou e motivou desde o início e que nos deixou no final do percurso, mas deixou um legado de amor incondicional pela família e amigos.

Aos meus filhos Kallyta e Artur, amores da minha vida que me deram forças para continuar minha trajetória ao longo do curso.

Aos meus pais, que fizeram de tudo para que eu concluísse os estudos, principalmente nos primeiros anos escolares, dando apoio, carinho e “puxões de orelha” que hoje vejo que foram para o meu bem.

A professora Brigitte Ursula, por aceitar a orientação deste trabalho e mediar com seus conhecimentos, com muita sabedoria.

A todos aqueles que, de uma forma ou de outra, não me impediram a realização e a finalização deste curso com seu apoio e incentivos.

“Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola”.

(Paulo Freire)

RESUMO

A afetividade é uma das mais genuínas expressões do ser humano; do nascimento ao envelhecimento. A partir do primeiro contato escolar o afeto ganha notoriedade assim como demais aspectos emocionais, cognitivos e sociais tão relevantes e exigidos no cotidiano. Diante disso surge nosso problema de pesquisa: Qual a importância da afetividade para uma educação de qualidade? Este trabalho teve como objetivo geral, examinar hipóteses a partir das quais se investigou a influência da afetividade na qualidade de mediadora da aprendizagem significativa de crianças dos anos iniciais Ensino Fundamental a partir de pesquisa bibliográfica e de campo. Os objetivos específicos buscaram explorar nas principais obras educacionais e pedagógicas, tais como as de Wallon, Piaget e de Vygotsky, fundamentação teórica que sustentasse nossa hipótese inicial da articulação entre afetividade e a aprendizagem significativa; além de complementar a discussão com documentos oficiais que revelam a importância da afetividade para as futuras gerações potencializada pela pesquisa de campo visando: (a) compreender a importância da afetividade; (b) a relação professor-aluno; e, (c) análise e discussão da pesquisa de campo. A pesquisa de campo foi respondida por professores e alunos dos 4º e 5º anos do ensino fundamental em escola do município de Miranorte/TO, cujos resultados, mesmo em meio à pandemia, apresentaram uma avaliação positiva quanto a importância da condição afetiva no processo de aprendizagem, ficando na segunda colocação atrás apenas da importância de uma boa explicação para a matéria lecionada.

Palavras-chave: Afetividade. Relação professor-aluno. Aprendizagem.

ABSTRACT

Affectivity is one of the most genuine expressions of the human being; from birth to aging. From the first school contact, affection gains notoriety as well as other emotional, cognitive and social skills that are so relevant and demanded in everyday life. In view of this, our research subject/topic arises: Which is the importance of affectivity for an education *excellence*? The general objective of this *study* was to *look for* hypotheses that influence affectivity, based on bibliographic and field research, as a mediator of meaningful learning by children during the early years of Elementary School. The specific objectives sought to explore in the main educational and pedagogical *literature*, such as those by Wallon, Piaget and Vygotsky, theoretical foundations that supported our initial hypothesis of the *connection* between affectivity and meaningful learning; aiming to deepen discussion looking for official documents that reveal the importance of affectivity for future generations, enhanced by field research aimed at: (a) understanding the importance of affection; (b) the teacher-student relationship; and, (c) analysis and discussion of field research. The field research was answered by teachers and students by 4th and 5th years at an elementary school at Miranorte municipality in the state of Tocantins, Brazil, whose results, even in the *middle* of a pandemic, showed a positive *an important judgment/standing/position* of the affective condition on the learning process, ranking second only behind the importance of a good explanation for the subject being taught.

Keywords: Affectivity. Teacher-student relationship. Significant learning.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Existe afetividade entre alunos e professor nessa escola?	34
Tabela 2: Você se esforça mais na matéria quando gosta do professor (a)?	35
Tabela 3: Marque a característica mais significativa que um bom professor deve ter em sala de aula:	35
Tabela 4: O professor afetuoso é aquele que:	36
Tabela 5: Como se apresenta a sua autoestima durante a pandemia?	37
Tabela 6: Como está sua relação afetiva com o (a) professor (a) nesse período de pandemia?	38

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	AFETIVIDADE: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES	14
2.1	Conceito de Afetividade	16
2.2	Articulação entre afetividade e a aprendizagem na visão dos teóricos Jean Piaget, Lev Vygotsky e Henri Wallon.....	18
3	AFETIVIDADE E SUA INFLUENCIA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM.....	22
4	EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS, BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E AFETIVIDADE	26
5	PESQUISA DE CAMPO	30
5.1	Contextualização	30
5.2	Breve histórico da instituição	30
5.3	O PPP da Escola.....	32
6	RESULTADOS OBTIDOS.....	34
6.1	Pesquisa entre os discentes	34
6.2	Pesquisa entre os docentes	39
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
	REFERÊNCIAS	46
	APÊNDICES	50

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia de conclusão de curso parte do pressuposto central de que a escola é ambiente privilegiado de formação das futuras gerações preparando-as para a vida em sociedade. Em consonância a esta premissa considera-se que todo e qualquer processo de educação, formal ou não formal, demanda do envolvimento de todos os seus atores seja família, escola ou comunidade visto serem estes os polos a partir dos quais se constituem os laços afetivos mais significativos e duráveis. Além destas considerações há que se ressaltar que manifestações afetivas denunciam aquilo que afeta diretamente ao sujeito, positiva ou negativamente, e se refletem diretamente em atitudes ou reações, adequadas ou inadequadas, frente às situações inesperadas que requerem alguma ação ou resposta. Segundo Bock (2005, p. 190) “Em muitas situações da vida, são os afetos que determinam nosso comportamento”.

O termo afetividade é bastante conhecido especialmente entre os professores. Desde a sua formação acadêmica passando por capacitações, reuniões e conselhos de classe, este é um termo de utilização bem frequente. Conflitos, pautas sobre a aprendizagem, desenvolvimento escolar trazem à tona questões da afetividade especialmente entre aqueles que atuam na escola e assumem a afetividade como poderosa aliada da relação professor-aluno. A aprendizagem significativa, neste contexto, é constituída a partir de interações amigáveis, harmoniosas e transparentes entre alunos e professores. Um olhar mais atento do professor é capaz de diagnosticar dificuldades e bloqueios no processo de ensino/aprendizagem, tenham estes origem no ambiente interno da escola, ou externo.

A falta de afetividade escolar gera inúmeros desgastes físicos ou emocionais que decorrem, em grande parte, de comportamentos não desejados tais como indisciplina, agitação, conversas paralelas, dificuldade de atenção e concentração dos alunos.

Diante destes questionamentos surgiu-nos a seguinte questão de pesquisa:

- ✓ Qual a importância da afetividade para garantir uma educação de qualidade?

A justificativa para o presente trabalho está pautada na variedade de perfis docentes que, conforme a estratégia adotada, favorecem o aluno a assimilar as experiências como agradáveis e motivadoras, ou em contrapartida, traumáticas que muitas das vezes se refletem em reprovações. Aquino (1996, p. 34) aponta que a relação professor-aluno, tem tamanha importância a ponto de estabelecer posicionamentos pessoais em relação à metodologia, à avaliação e aos conteúdos. Por outro lado, se a relação entre ambos for positiva, a probabilidade de um aprendizado mais significativo aumenta. A força da relação professor-

aluno é expressiva e poderá acabar produzindo resultados os mais variados entre diversos sujeitos.

A presente pesquisa buscou refletir, a partir de referencial teórico pautado em autores renomados da temática “Afetividade” especialmente em sua articulação com a aprendizagem significativa de nossos alunos no processo de ensino e aprendizagem e enfatiza a necessidade de trazer ao ambiente escolar o convívio agradável entre todos os participantes além de promover uma educação integral das crianças. Nossos estudos e reflexões demonstraram a impossibilidade de negar a articulação entre afetividade e aprendizagem significativa, uma vez que na escola as crianças têm uma ligação afetiva com seus colegas e seus professores em sala de aula, o que nos faz refletir sobre a necessidade de abordar esse tema na ação docente, como fato mediador diante do processo educativo.

Nesse sentido, despertar o entusiasmo, a sensação de segurança dos alunos e melhorar seu desempenho escolar, são atitudes que levarão a uma maior compreensão dos alunos e de sua realidade.

A partir destes pressupostos o presente trabalho de conclusão de curso teve como objetivo geral compreender a influência da afetividade enquanto mediadora da aprendizagem significativa de nossas crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental a partir de pesquisas bibliográficas, estudos temáticos complementados por pesquisa de campo com a finalidade de fundamentar as nossas reflexões.

Como objetivos específicos, definimos:

- ✓ Buscar em autores renomados do campo de estudos da Pedagogia referencial teórico que pudesse demonstrar a importância da afetividade em sua articulação direta com a aprendizagem significativa de nossos alunos.
- ✓ Compreender a importância da afetividade na validação da relação professor-aluno do ponto de vista discente.
- ✓ Identificar a defesa da afetividade nas práticas pedagógicas em documentos oficiais da Educação.
- ✓ Identificar, a partir de pesquisa de campo realizada em escola municipal da cidade de Miranorte, os benefícios da relação afetiva professor-aluno no processo de aprendizagem.

Para responder às questões que nos inquietaram no decorrer de nossa graduação, em relação direta com nossa atuação profissional em escola pública de Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, optamos por metodologia que nos fizesse trilhar, conforme defende Rodrigues (2006, p. 112), “pelos caminhos necessários para a

autoaprendizagem” além de nos permitir “compreender as relações entre teoria e prática e produzir conhecimento”.

Neste sentido a metodologia adotada enveredou primeiramente pela pesquisa qualitativa naqueles tópicos relacionados estritamente à discussão teórica e, posteriormente optamos pela pesquisa de cunho quantitativo na seção que trata especificamente da pesquisa de campo uma vez que, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 69-70), “utiliza-se o método quantitativo nos casos em que se considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las”.

Quanto ao tipo de pesquisa nos aproximamos das pesquisas de cunho exploratório-explicativas uma vez que além de proporcionar maior contato e número mais significativo de informações a respeito de nossa temática, a afetividade, ainda nos permitiu maior envolvimento direto na identificação de fatores que contribuem para a ocorrência dos acontecimentos de nosso interesse (GIL, 2002).

Estes procedimentos metodológicos justificam-se uma vez que, em nossa primeira parte do trabalho, nas seções de cunho teórico realizou-se pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica tratou da consulta em livros, dissertações, artigos e teses, para compor o referencial teórico, com o intuito de buscar informações necessárias para o desenvolvimento do referencial teórico. Na segunda parte adotamos a coleta de dados na escola, o registro e tabulação das respostas obtidas, além de sua respectiva análise para contextualizar a afetividade nas relações professor-aluno de uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Miranorte no estado do Tocantins.

Estes procedimentos metodológicos demonstraram sua pertinência aos objetivos traçados permitindo-nos trazer a público o presente trabalho estruturado em quatro capítulos além de sua Introdução e das Considerações Finais.

Na presente “Introdução” apresentamos o trabalho com o objetivo de situar o leitor quanto à proposta de nossos estudos, reflexões e pesquisa de campo que nos permitiram confirmar, conforme a nossa hipótese inicial, a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem.

Na Seção 1 intitulada “Afetividade: Primeiras aproximações” apresentamos, ainda que de forma sucinta, o conceito de afetividade, complementado por reflexões acerca da relevante articulação entre afetividade e aprendizagem significativa a partir de teóricos como Jean Piaget, Lev Vygotsky e Henri Wallon por suas relevantes contribuições para a Pedagogia.

Na seção seguinte, ou Seção 2, é abordada a questão da Afetividade e sua relevância para o processo de constituição da subjetividade primordialmente no contexto familiar e

concomitantemente na escola como ambientes propícios à manifestação da afetividade; articula-se afetividade à aprendizagem significativa nos processos escolares considerando-se relevantes as interações que permitam a manifestação da afetividade indispensável ao pleno desenvolvimento cognitivo e social da criança.

Na terceira seção a ênfase foi dedicada à discussão acerca das especificidades da Educação Infantil e do Ensino Fundamental dos Anos Iniciais, em especial no que se refere à afetividade enquanto pressuposto previsto pela Base Nacional Comum Curricular, a partir da qual se buscou contextualizar a trajetória da Educação Infantil, destacando sua inclusão na BNCC, complementada por breve análise da questão da afetividade ausente no documento da BNCC dedicada aos Anos Iniciais.

A quarta e última seção foi dedicada à Pesquisa de Campo contemplando uma breve apresentação da instituição palco da referida pesquisa, a Escola Municipal de tempo integral Felipe Fagundes de Carvalho em Miranorte/TO, contextualiza a sua realidade cotidiana, contempla seu histórico ainda que resumidamente, informa a respeito de seu Projeto Político Pedagógico além de demonstrar os resultados obtidos pela pesquisa de campo tanto entre discentes, quanto docentes, conclui apresentando os dados obtidos no ano de 2021 em plena pandemia e complementa com as respectivas análises.

A partir desta organização esperamos ter alcançado os objetivos propostos à presente discussão que trata especificamente da articulação entre afetividade e aprendizagem significativa como uma das alternativas mais potentes à tão sonhada qualidade de educação básica para todos, sem exceção.

“Importante na escola não é só o estudar, é também criar laços de amizade e convivência” (FREIRE, 2003) é, portanto exercitar o afeto que nos faz mais humanos.

2 AFETIVIDADE: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

A afetividade é considerada uma das mais potentes expressões da subjetividade humana, despertando uma imensa gama de sentimentos, onde quer que se esteja, sejam quais forem as relações que estabeleça, interpessoais, escolares, profissionais, religiosas e cotidianas, serão mediadas pelo campo de manifestação do amor, da motivação, do ciúme, da raiva, e mesmo do medo entre outros dignos de menção. Em função desta característica genuinamente humana é necessária uma busca constante pelo equilíbrio das emoções cujo poder inspirador próprio e característico favorece o ser humano no que se refere ao bem estar emocional ou, no limite oposto o estar desequilibrado psicologicamente.

“A afetividade é uma mistura de todos esses sentimentos, e aprender a cuidar adequadamente de todas essas emoções é que vai proporcionar ao sujeito uma vida emocional plena e equilibrada” (CAPELATTO et al, 2014, p. 08).

Os laços afetivos iniciam-se no lar por intermédio das primeiras relações com a família; na sequência são estabelecidos por meio do círculo de amigos. No espaço escolar os mesmos são identificados e nas situações em que não expressam companheirismo, afeto e alegria despertam de pronto, um alerta aos professores e à equipe pedagógica. Nunca é demais lembrar que, as pessoas não são necessariamente iguais, mas aquelas que se distanciam dos traços positivos podem refletir dificuldades em sua socialização e sua interação futura com os demais.

O interesse por este tema surgiu no decorrer da construção do projeto de estágio no 5º período, durante o qual foi proposta a construção de um memorial relatando como se deu a leitura e produção de textos desde os anos iniciais até a nossa vida acadêmica.

Na execução desse trabalho notei que aqueles professores com quem me relacionei bem, que utilizaram metodologias diferenciadas, tiveram um impacto positivo no meu aprendizado. Por outro lado, aqueles professores cuja prática era mais tradicional, muito rígida, cuja formação tecnicista os tornava excessivamente rígidos importando-se única e exclusivamente com conteúdos programáticos e imposição disciplinar em sala de aula, causaram-me a mim traumas e péssimas recordações e como consequência, em muitas das vezes, a minha reprovação. Saviani (1991, p. 18) referindo-se à relação professor-aluno da escola tradicional demonstra que o professor “transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que lhes são transmitidos”.

Mais adiante, já no estágio supervisionado, tive a oportunidade de fazer algumas observações a respeito da interação afetiva entre professor e aluno em sala de aula, e algo despertou em mim muita atenção: justamente na sala mais conflituosa observei que a atitude do professor era, em grande parte das vezes, de manifestar a sua raiva aos alunos e, a todo o momento, de chamar a atenção dos mesmos aprendizes o que contribuía fortemente para gerar ainda mais conflitos, assim comprometendo o tempo disponível de dedicação ao processo de ensino e aprendizagem; fato este que acabava por comprometer a duração de sua dedicação reservada ao conhecimento. Em contrapartida aqueles professores que construíam relacionamento de qualidade com seus alunos mantendo relação de confiança, empatia e respeito obtinham uma aprendizagem significativamente superior.

Realizadas estas observações há a necessidade de destacar a importância da afetividade na mediação professor/aluno especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental, pois desde cedo à criança já demonstra traços da formação de seu caráter e da sua personalidade. Posicionamento este que supera a tradicional concepção dualista de homem segundo a qual não se separa corpo e mente, razão e emoção, afeto e cognição, matéria e espírito, na direção de uma interpretação monista¹, na qual pensamento e sentimento se relacionam continuamente, ou seja, razão e emoção embora processos distintos estejam entrelaçados e são assumidos como complementares.

O professor, enquanto um dos sujeitos indissociáveis do processo educativo tem como desafio articular desenvolvimento cognitivo e afetivo uma vez que há uma interdependência direta entre ambas as formas de elaboração e atribuição de sentido às nossas experiências; de forma equivalente há uma inter-relação direta entre conhecimento e aprendizagem uma vez que o desenvolvimento cognitivo mobiliza processos complementares de significação que se encadeiam e se articulam grosseiramente comparáveis a uma espécie de “engrenagem”.

Em psicologia, o termo afetividade é utilizado para designar a suscetibilidade, ou sensibilidade, que o ser humano experimenta diante das reorganizações que ocorrem, cotidiana e constantemente, em dois “universos” subjetivos possíveis: o “mundo interno” que corresponde aos conteúdos subjetivos de nossa mente tais como os pensamentos, sentimentos ou mesmo o nosso sistema de valores e crenças; ou o “mundo externo” que traduz aquilo que, na maioria das vezes, chamamos de “realidade” objetiva, fruto de nossa experiência sensorial com contato com o outro, seja este outro uma pessoa ou a “realidade”. Estes “dois mundos” articulados constituem a “totalidade” das experiências-vivências às quais o sujeito confere

¹ Relativo à doutrina ou ideologia, que se opõe ao pluralismo de ideias, à dualidade inerente à convivência, à diversidade de ser e estar no mundo.

significado atribuindo-lhes a qualidade de experiências agradáveis ou desagradáveis (KÄFER, 2014²).

No recorte do presente trabalho a afeição é representada por um apego a alguém, ou algo, despertando carinho, confiança e intimidade. O afeto positivo é um dos sentimentos de maior potencial para gerar a estima entre as pessoas, e por que não dizer a autoestima, especialmente entre crianças e jovens, uma vez que, segundo a Ciência, produz um hormônio que favorece o bem-estar do corpo. De acordo com Codo e Gazzotti, (1999, p. 48), “existe um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou de tristeza”.

A afetividade desempenha papel determinante no processo de aprendizagem porque serve de energia que impulsiona a ação de aprender. Já em seus primeiros estudos, Piaget considerava a importância do afeto no desenvolvimento intelectual, o qual, segundo ele, apresenta dois componentes – um cognitivo e outro afetivo – que cursam de maneira paralela. Inúmeros autores atribuem à afetividade grande importância no processo de aprendizagem por considerarem-na como ponto de partida ou base do desenvolvimento humano. Nessa perspectiva, o desenvolvimento da inteligência é inseparável do desenvolvimento da afetividade, havendo uma estreita relação entre ambas, podendo o emocional servir como reforço ou opressor do aprendizado. Ou seja, se a organização afetiva do indivíduo estiver desestruturada, sua eficácia intelectual ficará comprometida. (FRANÇA; DINIZ, 2014, p. 2).

Neste contexto evidencia-se a correlação entre os *affectus* e a importância das experiências positivas no convívio do ambiente escolar enquanto “reforço” dos processos de aprendizagem, em especial no presente recorte, a ser reconhecido em nossas escolas.

2.1 Conceito de Afetividade

A afetividade, no contexto do presente trabalho, é toda e qualquer manifestação de uma expressão de origem emocional. É o *afetar-se* com algo ou com alguém. De origem latina o termo *affectus* significa estado psíquico ou moral, vontade, disposição, sentimento de adesão. É especialmente no sentido da “afetividade” enquanto sentimento de adesão que adotaremos o termo para a presente discussão. Poderá ter como referência a comunicação verbal ou não verbal, podendo envolver uma variedade de manifestações de alguma expressão de afeto, ou seja, a demonstração, consciente, explícita – ou não – de uma emoção que estejamos sentindo.

² Disponível em <https://www.mkaplus.com.br/blog/bem-estar-2/gerenciando-o-mundo-interno#>. Acesso em 14 Abr. 2022.

Nesse sentido, Almeida e Mahoney (2007), definem que a afetividade:

Refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis. A teoria apresenta três momentos marcantes, sucessivos, na evolução da afetividade: emoção, sentimento e paixão. (ALMEIDA; MAHONEY, 2007, p. 17).

A afetividade, quando estritamente positiva, é um processo que possibilita lidar saudavelmente com a expressão das emoções, e ao mesmo tempo fornece o alicerce para o desenvolvimento da capacidade de amar a si próprio e aos outros. Pode ser considerada a base para as demais vivências.

De acordo com La Taille, Oliveira e Dantas, (1992, p. 65),

(...) quando se trata de analisar o domínio dos afetos nada parece haver de muito misterioso: a afetividade é comumente interpretada como uma energia; portanto, como algo que impulsiona as ações. Vale dizer que existe algum interesse, algum móvel que motiva a ação. O desenvolvimento da inteligência permite sem dúvida que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetos ou situações. Todavia, ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a razão está a seu serviço. (LA TAILLE, OLIVEIRA; DANTAS, 1992, p. 65).

A este respeito Fonseca (2016, p. 369) enfatiza a importância das emoções no ambiente educacional, pontuando que:

As emoções como estados mentais, positivos ou negativos, conscientes ou inconscientes, têm assim um impacto muito relevante nas funções cognitivas e executivas da aprendizagem, podem transformar experiências, situações e desafios difíceis e complexos, em algo de agradável e de interessante, ou pelo contrário, em algo aborridível, fastidioso, enfadonho ou detestável. (FONSECA, 2016, p. 369).

Ainda segundo o autor acima referenciado pode haver uma polaridade em se tratando das emoções; da mesma forma que poderão trazer resultados positivos poderão, em casos extremos, trazer reações agudas e intensas uma vez que estão associadas ao contexto instantâneo, momentâneo. Tais reações são manifestadas pelo corpo em expressões tais como: choro, sorriso, tremores, expressões faciais, suor, mãos geladas. As emoções humanas podem ser consideradas positivas ou negativas e são inatas, ou aprendidas, pela convivência com outras pessoas.

As emoções básicas são: a alegria, a tristeza, o medo, a raiva, o nojo etc. São estímulos que recebemos e que impactam em todo o corpo e sobre os quais não se tem controle. É algo momentâneo e que dura poucos segundos.

Para Sabino (2012, p. 28) existe a necessidade de aliar a afetividade ao processo de aprendizagem uma vez que

(...) para toda e qualquer experiência humana, os afetos estão onipresentes; mesmo que nem sempre estejam explícitos e adequadamente manifestados nas relações, desde as mais tênues até as mais densas: das materiais às humanas; das pessoais às coletivas, das privadas às públicas; das locais às mundiais (...). (SABINO, 2012, p. 28).

A afetividade enquanto um dos componentes psíquicos mais significativos da singularidade humana justifica a variabilidade de sentimentos expressos no cotidiano. A experiência diária seja ela positiva e prazerosa, ou mesmo sofrida, quer cause pânico ou angústia é expressão manifesta de nossa afetividade. Rossini (2001, p. 9), afirma que “a afetividade acompanha o ser humano desde o nascimento até a morte. Ela ‘está’ em nós como uma fonte geradora de potência de energia”.

Em função destas premissas, não seria recomendável, especialmente no contexto educacional, dissociar a afetividade do processo de aprendizagem, muito menos desassociar a manifestação das crianças do contexto em que interagem com os agentes de sua convivência. Os especialistas defendem que se houver a predominância do afeto positivo quando atingir a fase adulta o sujeito será capaz de superar os desafios da vida, praticar a solidariedade e ter o equilíbrio em suas emoções.

2.2 Articulação entre afetividade e aprendizagem na visão dos teóricos Jean Piaget, Lev Vygostky e Henri Wallon

A presente subseção tem por objetivo demonstrar que importantes teóricos adotados pela grande maioria dos cursos de formação de professores defenderam e demonstraram em seus estudos a intrínseca articulação entre a afetividade e a mobilização cognitiva indispensável à aprendizagem significativa.

Segundo Piaget o desenvolvimento humano está dividido em quatro estágios, ou períodos, a saber: (1) sensório-motor compreendido entre o nascimento e os dois anos de idade; (2) pré-operatório que vigora dos dois aos sete anos de idade; (3) operações concretas, de sete aos onze anos e, (4) e o estágio das operações formais que se inicia entre os onze ou doze anos e se estende ao longo da vida. Todos estes períodos do desenvolvimento humano têm em comum dois recursos indissociáveis da subjetividade: o afetivo e o cognitivo.

Piaget defende que não seja possível reconhecer o estado afetivo puro sem o aspecto cognitivo imbricado, uma vez que o teórico assume que os elementos cognitivos estão diretamente associados aos afetivos; em outras palavras apresentam inter-relação e interdependência tanto em sua forma abstrata, quanto nas manifestações das atividades do cotidiano (Morais, 2018).

Wadsworth (1993, p. 12), por seu lado ratifica as ideias de Piaget ao afirmar que “o desenvolvimento das estruturas cognitivas é assegurado somente quando a criança assimila e acomoda os estímulos do ambiente. Isto só pode acontecer quando os sentidos da criança entram em contato com o meio ambiente.”.

Segundo Piaget, em citação de Moraes (2018, p. 1-2), há um paralelismo entre conduta afetiva e estrutura cognitiva:

Já que realmente não existe estrutura sem energética e, reciprocamente, a toda nova estrutura deve corresponder uma nova forma de regulação energética, a cada nível de conduta afetiva deve corresponder da mesma forma, certo tipo de estrutura cognitiva. (MORAIS, 2018, p. 1-2).

Kochhann e Rocha (2015, p. 5), por sua vez, enfatizam,

Piaget acredita que afetividade e cognição sejam indissociáveis, e que o homem age ao ser motivado, de acordo com a sua moral, podendo ter influências do meio em que vive, e que a aprendizagem se dá a partir de um processo de acomodação e assimilação e que a afetividade é a energética que impulsiona as ações tendo como suporte a razão. (KOCHHANN; ROCHA, 2015, p. 5).

Os tratados de Vygotsky, por sua vez, são fundamentados na teoria histórico-cultural a partir da qual se entende que o desenvolvimento das funções mentais superiores ocorre na interação do sujeito com o meio social. O pensador russo considera a linguagem estruturante do desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Ainda os mesmos autores destacam que Vygotsky desenvolveu dois conceitos centrais à sua teoria do desenvolvimento: a zona de desenvolvimento real que diz respeito ao efetivo desenvolvimento alcançado pela criança e a zona de desenvolvimento proximal que corresponde àquilo que “a criança não consegue fazer sozinha ainda, necessitando de um mediador” (KOCHHANN; ROCHA, 2015, p. 5).

Em continuidade a este raciocínio ressalta-se a relação intrínseca entre os aspectos afetivos e cognitivos:

(...) cada ideia contém uma atitude afetiva transmitida com relação ao fragmento da realidade ao qual se refere. Permite-nos ainda seguir a trajetória que vai das necessidades e (dos) impulsos de uma pessoa até a direção específica tomada por

seus pensamentos, e o caminho inverso, a partir de seus pensamentos até o seu comportamento e a sua atividade. (OLIVEIRA, 1992, p. 77).

A teoria de Wallon, por sua vez, subdivide o desenvolvimento humano em cinco etapas; a saber, impulsivo-emocional, sensório-motor e projetivo, personalismo; categorial; e, puberdade e adolescência. “O autor coloca a afetividade como um dos aspectos centrais do desenvolvimento humano, defendendo que a vida psíquica é formada por três dimensões – motora, afetiva e cognitiva – que se influenciam mutuamente” (KOCHHANN; ROCHA, 2015, p. 7).

Segundo Morais (2018), Wallon traz aspectos em sua teoria que se aproximam dos tratados de Piaget, ainda que com cosmovisões bastante distintas. Justifica-se seu pressuposto pautado pela afirmação de que a afetividade³ na infância tem influência significativamente marcante em relação aos aspectos cognitivos.

É inevitável que as influências afetivas que relacionam a criança desde o berço tenham sobre sua evolução mental uma ação determinante. Não porque criam peça por peça suas atitudes e seus modos de sentir, mas precisamente, ao contrário, porque se dirigem, à medida que ela desperta, automatismos que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas contém em potência, e, por intermédio deles, as reações de ordem íntima e fundamental. Assim, o social se amalgama ao orgânico (MORAIS, 2018, p. 2).

O atual contexto educacional, bem como e especialmente, as demandas do século XXI, exigem que as práticas pedagógicas desenvolvidas em nossas escolas sejam ressignificadas, a fim de consolidar não apenas o desenvolvimento das competências cognitivas como também, e de forma definitiva, o desenvolvimento de competências sócio emocionais.

Wallon fez questão de salientar que a escola deve favorecer a formação integral de seus alunos seja ela afetiva, intelectual ou social.

Reações emocionais exercem influência central em todas as formas de nossa conduta e comportamento além de se fazerem presentes em todas as nuances do processo educativo.

Chalita, (2004, p. 230) defende que,

A habilidade emocional é o grande pilar da educação, não sendo possível desenvolver habilidades cognitivas e sociais sem trabalhar emoção, o que exige muita paciência, pois se trata de um processo continuado cujas mudanças não ocorrem de uma hora para a outra. (CHALITA, 2004, p. 230).

³ Em seu sentido latino do *affectus*.

Esta afirmação demonstra de forma mais efetiva o papel central da afetividade na constituição subjetiva de uma pessoa e de sua importância na relação professor-aluno.

Quando administradas de maneira tranquila, equilibrada e salutar as emoções propiciam aprendizagens prazerosas e significativas, premissas indispensáveis ao desenvolvimento cognitivo-intelectual do aluno. Quanto maior o interesse e a mobilização frente a determinado tema, tanto maior será a assimilação e a acomodação de novos conteúdos e saberes.

Em contrapartida, quando se lida com estas questões de forma desequilibrada, as emoções tendem a gerar respostas negativas e poderão, eventualmente, desencadear alguns tipos de desequilíbrio emocional, tais como a ansiedade, o desânimo ou mesmo a depressão; desfavorecendo o próprio sucesso escolar além do comprometimento, ainda que temporário, da atenção, da concentração. Episódios deste tipo tendem a prejudicar novas aprendizagens. Neste sentido, sentimentos e emoções mobilizam, ou não, a disposição psíquica em estar em condições propícias à aquisição de novos saberes.

A escola é espaço privilegiado de socialização das novas gerações; em função disto cabe a ela além da transmissão do conhecimento acumulado pela humanidade ao longo dos séculos, primar pelo cuidado em articular relações cognitivo-afetivas entre os sujeitos que compartilham seu espaço e nela convivem. Alunos confiantes, seguros e, porque não dizer, felizes terão reflexos positivos em sua experiência escolar e, mais adiante, no próprio exercício de sua profissão.

Os teóricos referenciados na presente subseção, que trata da necessária articulação entre aspectos cognitivo-intelectuais e afetivos na sustentação da aprendizagem significativa são unânimes em defender estes pressupostos ainda que com linguagem e viés ligeiramente distintos.

Em função destas premissas faz-se necessário assumir a sala de aula como ambiente rico de possibilidades e relações que se façam significativas entre alunos e professores na troca e na construção do conhecimento.

3 AFETIVIDADE E SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

A afetividade, conforme citado anteriormente, tem conceito amplo e engloba várias reações inclusive corporais como resultante das emoções que, por sua vez, são consequência dos sentimentos. Ambos, sentimentos e emoções, estão diretamente relacionados à construção dos laços afetivos; em outras palavras possuem ambos grande influência na constituição das relações, inclusive as afetivas, incluindo o processo educativo (SUAVI, 2018).

O ser humano desenvolve sua afetividade em todos os momentos e etapas da sua vida, já que a todo tempo se depara com situações que fazem surgir emoções e sentimentos. Por outro lado, é na infância que os sentimentos e as emoções estão mais acentuados, menos sujeitos a controle, uma vez que a criança não possui maturidade afetiva para lidar com ambos sem a mediação de um adulto.

Nesse sentido, Barbosa (2020) destaca que,

Grande parte dos teóricos reconhece que a afetividade é o berço da socialização do indivíduo, pois é com ela que são transmitidos os primeiros ensinamentos às crianças. Por isso, a emoção é responsável por grande parte do desenvolvimento delas nos anos iniciais. Nesse período elas necessitam de maior atenção daqueles que as cercam (BARBOSA, 2020, p. 01).

A família é, em grande parte, o ambiente onde se inicia o contato da criança com sua própria afetividade, espaço de convivência em que passa a exercitá-la e compreendê-la; conforme enfatiza Suavi:

A instituição familiar é o primeiro ambiente de socialização da criança, é por meio deste ambiente que será propiciado a ela sua primeira mediação com os significados presentes na sociedade.

É a família a primeira responsável pelas transmissões culturais, entre elas valores, comportamentos, padrões e todos os significados intimamente relacionados com o ambiente da criança, contribuindo com relações de natureza afetiva, cognitiva e social. Em função disso ela possui grande influência na formação da criança, por apresentar a ela sua primeira forma de contato com o mundo.

No campo afetivo em especial, é a partir do ambiente familiar que a criança estabelece os primeiros vínculos de afeto, aprende a compreender e controlar as emoções, a expressar os inúmeros tipos de sentimentos, e a lidar com as diferenças, dificuldades e frustrações da vida. (SUAVI, 2018, p. 25-26).

Assim sendo, a afetividade da criança, instituída no contexto familiar, será ampliada para outros ambientes nos quais a criança será gradativamente inserida, entre eles o ambiente escolar. Em função disto, considera-se,

(...) o meio familiar como primeiro ambiente de socialização e aprendizagem da criança, onde ela estabelece os primeiros vínculos afetivos, exerce papel fundamental na inserção da criança nas outras instituições socializadoras, dentre elas a escola. (SUAVI, 2018, p. 28).

O desenvolvimento afetivo da criança, portanto, não se resume a um lugar ou ambiente específico; ocorre constante e continuamente seja onde for. Inicia-se na família, e tem continuidade em ambientes e espaços sociais, tais como a escola, instituição esta, identificada como local privilegiado de suas conquistas cognitivo-intelectuais do estágio operatório concreto *piagetiano*.

Com relação à questão do afeto, no contexto escolar, Pilette apud Barbosa, (2020) ressalta que,

(...) é no meio social que a criança passa a fazer parte de um novo meio, se adaptando a ele e submetendo as suas determinações, pois é nesse ambiente que encontrará novos amigos, formando vínculos afetivos que podem influenciar no desenvolvimento de sua identidade. A criança passa a conhecer o mundo através de suas relações com o outro. Pois é nas interações sociais que a criança tem acesso aos instrumentos e aos sistemas de signos que possibilitam o desenvolvimento de formas culturais de atividades, permitindo estruturar a realidade e o próprio pensamento. A escola é um espaço importante de trocas de um com o outro, promovendo o desenvolvimento da criança. (PILETTE apud BARBOSA, 2020, p. 02).

Complementarmente a família, a escola são espaços fundamentais para o processo de desenvolvimento da criança, em função de serem ambientes sociais no qual a mesma construirá novas relações afetivas e viverá outras experiências com oportunidades outras de socializar-se. “A escola, ao possibilitar uma vivência social diferente do grupo familiar, desempenha um importante papel na formação da personalidade da criança [...] o que tende a enriquecer sua personalidade”. (GALVÃO apud SUAVI, 2018, p. 28).

Segundo Barbosa, (2020, p. 01), “a afetividade na escola, como complemento da afetividade na família, é de suma importância para seu desenvolvimento, tanto cognitivo quanto social”. É de se esperar que a escola, enquanto local privilegiado de promoção da aprendizagem significativa, seja o lugar mais favorável a incentivar e promover a motivação e a participação das crianças. Segundo Barbosa, (2020, p. 4), assume-se a motivação “como instrumento que permeia todas as relações de aprendizagem professor-aluno”; neste sentido esta condição deveria ser conquistada para garantir a efetiva participação das crianças na escola. O envolvimento dos alunos com a escola e seus respectivos processos será favorecido por relações reconhecidamente afetivas que se estabelecem.

Uma das funções da escola, especialmente nos anos iniciais da escolarização formal, é sem sombra de dúvida a habilidade de seus profissionais da Educação em apoiar o processo

de construção e compreensão das respostas emocionais de seus alunos diante dos desafios que lhes são colocados; seja no campo da aprendizagem, ou mesmo, no campo das relações interpessoais. Neste sentido, estes profissionais, em especial os professores, assumem papel relevante na compreensão, acompanhamento e abordagem das questões relacionadas às emoções da criança; favorecem o seu desenvolvimento afetivo pleno no ambiente escolar, manifestado ora em momentos de conflito, ora de brincadeiras ou mesmo de suas atividades escolares mais corriqueiras. Segundo Almeida (2000, p. 77) “é responsabilidade do adulto, e principalmente do educador, adequar o meio escolar às possibilidades e necessidades infantis do momento”.

Segundo Chalita apud Barbosa (2020, p. 03), “o professor é a referência, o modelo, é o exemplo a ser seguido e, exatamente por causa disso, o pouco que fizer afetuosamente, uma palavra, um gesto, será muito para o aluno com problemas”.

De acordo com Barbosa (2020), uma relação pautada pela afetividade entre professor e aluno é de suma importância na constituição de um processo de ensino aprendizagem pautado pela confiança; uma vez estabelecido o vínculo a criança sentirá segurança para esclarecer suas dúvidas e manifestar suas inquietações; saberá que pode contar com a ajuda do professor sempre que precisar.

Nessa perspectiva Chalita (2003), complementa:

A influência exercida por cada pessoa sobre a criança varia muito; nos primeiros anos ela é influenciada pelos pais e familiares, com o crescimento aparecem os professores, os colegas e os amigos. Por isso, o mundo escolar é determinante na vida da criança, pois ela passa grande parte de sua vida e de seu tempo no ambiente escolar com os professores e colegas que contribuem ativamente para o seu desenvolvimento pessoal. (CHALITA, 2003, p. 3).

Segundo Almeida:

A escola tanto quanto a família têm o seu papel no desenvolvimento infantil, e a relação professor-aluno, por ser de natureza antagônica, oferece riquíssimas possibilidades de crescimento. Os conflitos que podem surgir dessa relação desigual exercem um importante papel na personalidade da criança (ALMEIDA apud BARBOSA, 2020, p. 02).

Conforme defendido anteriormente, cabe à escola considerar o desenvolvimento do domínio afetivo da criança na fase escolar a fim de contribuir com a busca por um ensino que de fato integre todas as dimensões do sujeito, proporcionando uma formação global do aluno. Portanto, “a educação deve ter por meta não somente o desenvolvimento intelectual, mas a pessoa como um todo” (GALVÃO, 1995, p. 113-114).

A esse respeito ainda Galvão, (1995), afirma que,

(...) é preciso criar uma prática pedagógica que englobe todas as necessidades da criança, atendendo os fatores afetivos, cognitivos e motor, propiciando o desenvolvimento da criança em todos esses níveis funcionais, garantindo que ela se desenvolva integralmente (GALVÃO, 1995 apud SUAVI, 2018, p. 30).

De acordo com Coll “a aprendizagem é produzida como resultado da interação entre o sujeito e o ambiente e se traduz invariavelmente numa modificação comportamental” (COLL apud BARBOSA, 2020, p. 03).

Para Vygotsky (2003)

(...) o processo de internalização do conhecimento envolve uma série de transformações que colocam em relação o social e o individual. Ele afirma que todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social; depois, no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica) e, depois, no interior da criança (intrapicológica). Partindo desse pressuposto, o papel do outro no processo de aprendizagem torna-se fundamental e, conseqüentemente, a mediação e a qualidade das interações sociais. Exemplo disso é a interação dos alunos em sala de aula e nas suas brincadeiras na hora da recreação, pois um aprende com o outro (VYGOTSKY, 2003 apud BARBOSA, 2020, p. 3).

Há, portanto um nível interpsicológico e outro intrapsicológico que constitui as subjetividades; ambos os níveis são diretamente impactados pelas relações de afeto estabelecidas nas relações interpessoais, seja na família, seja na escola.

4 EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL DOS ANOS INICIAIS: REFERÊNCIAS À AFETIVIDADE NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

A escola é o primeiro contato que a criança tem com o ambiente fora do contexto familiar, e no qual ela passa a ter contato com outras pessoas que são diferentes dos seus familiares. Dessa forma, a Educação Infantil pode ser vista como o primeiro passo que dá início à socialização secundária da vida da criança.

A educação infantil é caracterizada pelo ingresso de crianças com idade entre 0 a 5 anos e 11 meses na escola. É assim a primeira etapa da educação formal de uma criança. Foi, por longo tempo, assumida como uma educação não formal, não oficial, sem obrigatoriedade, cujo objetivo seria apenas preparar a criança para as etapas posteriores de escolarização.

Somente a partir de 1988, com a promulgação da Constituição Federal, houve um reconhecimento de que a Educação Infantil é parte importante no processo educacional da criança. Embora reconhecida como direito de todas as crianças e dever do Estado, a Educação Infantil passou a ser obrigatória para as crianças de 4 a 5 anos e 11 meses apenas com a Emenda Constitucional nº 59/2009, que determinou a obrigatoriedade da Educação Básica dos 4 aos 17 anos (BNCC, 2018).

Contextualizando a história da Educação Infantil, enquanto direito da criança Suavi (2018, p. 34) destaca que:

Em 2009 por meio da emenda constitucional nº 59 (BRASIL, 2009) define-se como obrigatório o oferecimento da educação básica dos 4 aos 17 anos. Desse modo, a Educação Infantil passa a ser obrigatória para crianças de 4 e 5 anos. A Resolução nº 5, (BRASIL, 2009) traz em seus escritos a obrigatoriedade da matrícula na Educação Infantil de crianças de 4 e 5 anos de idade e fixa em seu texto as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, reunindo os princípios, fundamentos e procedimentos que devem orientar as propostas curriculares da educação básica. No entanto, é apenas em 2013 com a Lei nº 12.796 (BRASIL, 2013), que essa etapa de ensino é integrada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), lei nº 9394 (BRASIL, 1996) que fundamenta o cenário educacional brasileiro. (SUAVI, 2018, p. 34).

A Educação Infantil, por atender às crianças menores de seis anos, não impõe aprendizagens específicas e corriqueiras como nas demais etapas do ensino obrigatório. Essa prerrogativa, no entanto, não diminui a sua relevância para o desenvolvimento escolar das crianças, uma vez que as atividades propostas podem propiciar interações relevantes e contribuir para a formação da pessoa. O mais relevante é primar pela qualidade do ensino e não pela quantidade.

Em função disto Suavi (2018, p. 36) destaca que “as práticas educativas devem ter como eixo os aspectos físicos, sociais, emocionais, afetivos, cognitivos, de forma integrada, e construindo a partir deles conhecimentos que se relacionem com as necessidades dessa etapa.” Tem-se, portanto como desafio que o currículo respeite as especificidades das crianças, a fim de colaborar para com o seu desenvolvimento e ascensão em todas as esferas que englobam sua vida.

Evidentemente o reconhecimento da Educação Infantil como etapa essencial para o pleno desenvolvimento da criança, não se deu sem lutas. Foi a partir de um longo processo de reivindicações que a integração desta etapa à educação básica se tornou possível e passa a ser vista como uma grande conquista. “Com a inclusão da Educação Infantil na BNCC, mais um importante passo é dado nesse processo histórico de sua integração ao conjunto da Educação Básica” (BRASIL, 2017, p. 36).

Em relação ao currículo escolar, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento nacional de referência e que tem por objetivo estabelecer o currículo e as propostas pedagógicas das escolas em todas as instâncias federativas, desde a União, passando pelos Estados e Distrito Federal até alcançar os Municípios.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento (BRASIL, 2017, p. 7).

A BNCC no que tange à Educação Infantil estabelece caminhos para o ensino com a finalidade de assegurar que as crianças aprendam e se desenvolvam a partir de Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento.

A partir da apresentação dos direitos de aprendizagem e do desenvolvimento da criança para a Educação Infantil, apontados pelo documento oficial da BNCC (BRASIL, 2017), transcrevemos cada um daqueles além de seus respectivos direcionamentos.

Os campos de experiência garantidos às crianças da Educação Infantil foram definidos pelo documento oficial como:

- Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.
- Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

- Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.
- Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.
- Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.
- Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário (BRASIL, 2017, p. 38).

Na convivência, especialmente entre as crianças menores, fazem-se indispensáveis vários tipos de comunicação, desde a gestual, oral, até eventualmente a gráfica dentre as mais diversas possibilidades de linguagem que englobem inclusive a afetiva. Na medida em que ocorre a comunicação afetiva o aluno aprende a lidar com as mais diversas expressões da personalidade humana sendo instigado a manifestar sua posição frente às diferenças, formação dos próprios valores, definição de limites que façam “transbordar” sua essência na direção do conhecimento e reconhecimento de si mesmo, do outro e do mundo à sua volta.

Para Martins et. al. (2005),

(...) as relações afetivas que o aluno estabelece com os colegas e professores são de grande valor na educação, pois a afetividade constitui a base de todas as relações da pessoa diante da vida. A afetividade também contribui para o relacionamento entre os sujeitos, já que para muitos educadores, o processo de aprendizagem está diretamente ligado às interações sociais. (MARTINS et. al. 2005, p. 3).

No que diz respeito a questão da afetividade nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com base em rápida análise realizada no documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento este considerado norteador em todas as dimensões do campo da educação, pode-se perceber que são poucas as referências à questão da afetividade e suas múltiplas contribuições para o desenvolvimento das potencialidades cognitivas dos alunos especialmente naquilo que diz respeito à relação professor-aluno.

Ressalte-se que no decorrer de nossos estudos, especialmente quando da leitura da Base Nacional Comum Curricular, foi encontrado o termo “afetivo” em suas variações de gênero e número na versão da Educação Infantil como no exemplo “(...) afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização” (BRASIL, 2017, p. 36) bem como na

transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental “(...) afetivo, de modo que a nova etapa se construa com base no que os educandos sabem e são capazes de fazer, evitando a fragmentação e a descontinuidade do trabalho pedagógico” (BRASIL, 2017, p. 51).

No documento dedicado aos anos iniciais do Ensino Fundamental, por sua vez, o termo “afetivo” em sua variação de número e gênero é citado uma única vez para tratar do componente curricular das Ciências ao abordar “as características dos seres vivos são trabalhadas a partir das ideias, disposições emocionais e afetivas que os alunos trazem para a escola”. (BRASIL, 2017, p. 326).

Neste sentido concordamos com Andrade, (2018), quando o autor ressalta que

(...) há uma lacuna em relação a esse aspecto nesse documento, especialmente quando partimos da compreensão de que a relação da afetividade entre o professor e aluno é de suma importância para a construção do processo educativo mais significativo, no que diz respeito à dialética que envolve o ensino e a aprendizagem, essa afirmativa é reforçada nas concepções de estudiosos da área da educação (ANDRADE, 2018, p. 32).

Ainda que não contemplada como seria de se esperar a afetividade no documento da BNCC, assume-se para os fins da presente discussão a importância da afetividade em todos os níveis de ensino, em especial nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Nesse sentido, a teoria psicogenética de Wallon referendada por Dantas, (1992), enfatiza que a afetividade é influência central à formação do sujeito além de impactar diretamente na construção de seu conhecimento significativo; logo,

(...) a consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica: corresponde a sua primeira manifestação. Pelo vínculo imediato que instaura com o ambiente social, ela garante o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborado e acumulado pelos homens ao longo de sua história. Dessa forma, é ela que permitirá a tomada de posse dos instrumentos com os quais trabalha a atividade cognitiva. Nesse sentido, ela lhe dá origem (WALLON apud DANTAS, 1992, p. 85-86).

A consciência afetiva está relacionada aos sentimentos e à necessidade de afeto, autoestima e alegria de viver. Esses sentimentos são um tipo de emoção filtrada pela mente e estão ligados ao corpo emocional e mental.

5 PESQUISA DE CAMPO

A Escola Municipal Felipe Fagundes de Carvalho, objeto desta pesquisa de campo está localizada à Rua Minas Gerais, s/nº, Vila Jaó no município de Miranorte/TO. Foi inaugurada em 1974 e instituída oficialmente pela Lei Nº 060/90. Atende a uma grande diversidade de alunos que provêm seja do espaço urbano, seja do meio rural; seu público apresenta significativas diferenças econômicas e culturais.

5.1 Contextualização

A EMFFC encontra-se localizada em uma vila às margens da BR 153. Os alunos de baixa renda são em sua maioria residentes do setor Jaó, setor Aeroporto e meio rural. Atende a significativa diversidade social e se caracteriza por um público bem heterogêneo que inclui desde crianças sob a responsabilidade de avós e tios, filhos de mães solteiras, pais separados, pais estudados, pais analfabetos, entre outros.

Diante dessa diversidade, a instituição busca se adequar e propor estratégias e conteúdos didáticos que se enquadrem à realidade da comunidade, visando contribuir para a superação das dificuldades enfrentadas e promover a formação de sujeitos autônomos. É “uma escola aberta ao novo que discute e cria propostas pedagógicas próprias, desenvolve projetos com enfoque interdisciplinar e valoriza a formação do aluno cidadão” (MIRANORTE, 2021, p. 09).

5.2 Breve Histórico da Instituição

Com relação à história da criação da Escola Municipal Felipe Fagundes de Carvalho, observa-se que são longos anos de existência buscando contribuir para o desenvolvimento local através da educação:

A Escola Municipal Felipe Fagundes de Carvalho foi inaugurada em fevereiro de 1974, mas já em março de 1973 estava funcionando em um ranchão de palha. Na época o prefeito era Sr. Aurílio Gonçalves de Oliveira, que em comum acordo com a Câmara de Vereadores aprovou por lei o nome de Felipe Fagundes de Carvalho em homenagem ao 1º Prefeito de Miranorte nomeado em 01/01/1964.

Eram apenas duas salas improvisadas no meio do cerrado. Então foi feita uma ampliação e o que era um rancho de palha tornou-se uma escola de madeira. Somente em 1981 com o prefeito José Barbosa Teles, em outra reforma a escola ganhou piso de cimento, parede de tijolos coberta de telha. Funcionava então da alfabetização à 4ª série primária. A escola teve como primeira diretora Dona Elice de Sousa Melo, suas primeiras professoras foram Diomar Pereira, João Moura, Evanize

e Maria Gasparine. Alguns ex-alunos lembram com orgulho de terem sido os primeiros a serem alfabetizados na escola que era então chamada Escola da Jaó (MIRANORTE, 2021, p. 07).

O valor da escola deve sempre ser considerado, pois a educação é um dos pilares da sociedade e permite o desenvolvimento de uma comunidade. O papel da escola é inquestionável, já que sua contribuição vai muito além da transmissão de conhecimento teórico das disciplinas curriculares, formando cidadãos e contribuindo com a transformação do meio social para o bem comum.

Especificamente no caso da escola em estudo, buscando conhecer o contexto histórico em seu PPP, percebemos alguns elementos importantes, como por exemplo: a falha do modo como é contada a história da criação da escola, fica evidente a desvalorização da comunidade local, ou seja, provavelmente essa escola começou como todas as outras. Fruto das lutas das mulheres pobres que juntamente com os maridos faziam barracões que se tornavam escola. E logo mais, pela pressão da comunidade, o poder público instituía uma escola legalmente.

O documento evidencia somente as figuras públicas daquela época, deixando de contar a história das famílias pioneiras do setor, e as oriundas do campo.

Em 2015, através da Lei N° 413/2015, de 16 de setembro, houve a alteração do nome da escola, ampliando a oferta do ensino para tempo integral. Nesta mesma data passou a funcionar com o atual nome: Escola Municipal de Tempo Integral Felipe Fagundes de Carvalho.

No ano de 2016, houve o credenciamento pleno da unidade escolar, funcionando desta forma em regime plenamente legal conforme as exigências do Ministério da Educação através da resolução CME-TO N° 18, de 01 de dezembro de 2016 com respectiva Portaria da SEMED N° 008/2016, de 02 de dezembro de 2016.

A Unidade Escolar funciona de acordo com a legislação vigente adotando o calendário escolar com 200 dias letivos e elaborado anualmente, em conjunto com a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) e aprovado pelo Conselho Municipal de Educação (CME).

Em 2021, ano em que foi realizada a pesquisa de campo objeto da presente análise a escola contava com um total de 145 alunos e seu quadro de pessoal era de 20 profissionais da Educação. A instituição trabalha de acordo com o regulamentado em seu regimento escolar e as disposições da legislação atual. Conta com 7 turmas entre Jardim I e II, e do 1° ao 5° ano do ensino fundamental. Funciona em período integral atendendo as crianças das 07h00min às 15h15min. No período da manhã ocorrem as aulas das disciplinas regulamentadas pela legislação em vigor. A primeira refeição oferecida às crianças pela escola é um lanche servido

às 08h00min; a rotina prevê intervalo para recreação às 9h15min e o almoço é servido às 11h15min. Após o almoço iniciam-se as aulas da parte diversificada, que compreendem os componentes curriculares tais como teatro, experiências matemáticas, hora da leitura, esporte e jogos, dança encerrando a jornada às 15h15min.

5.3 O PPP da Escola

O Projeto Político Pedagógico - ou PPP -, também conhecido como proposta pedagógica é documento obrigatório que as equipes escolares elaboram para informar seus objetivos institucionais bem como as diretrizes gerais para alcançá-los. Este documento é determinação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), e tornou-se exigência legal a partir do ano de 1996 conforme consta em seu Artigo 12º que determina: “Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: I - elaborar e executar sua proposta pedagógica”.

Veiga (1998) conceitua o Projeto Político Pedagógico, ou PPP, como:

O projeto busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico com os interesses reais e coletivos da população majoritária. É político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade. (VEIGA, 1998, p. 11-12).

O documento em questão deverá conter as diretrizes gerais da escola, sua organização, ações a serem implantadas entre outros encaminhamentos que se façam necessários para o cumprimento de seu importante papel na formação plena dos cidadãos levando-se em conta o contexto no qual está inserida e aplicando métodos pedagógicos condizentes a seus propósitos. Pode, alegoricamente, ser considerado um mapa que mostrará a direção a ser tomada pela gestão da escola para na consecução de seu papel social tanto diante da coletividade, quanto e especialmente do sujeito em formação.

Em função destas premissas destacam-se os valores expressos no PPP da escola objeto da presente pesquisa de campo:

Ao longo de sua história a Escola Municipal Felipe Fagundes de Carvalho reafirma e consolida os valores que perpassam e validam a sua prática cotidiana de fazer Educação. Os valores expressos em seu PPP/Projeto Político Pedagógico priorizam, dentre outros, a gestão democrática, fundamentada na participação coletiva; a autonomia e a pluralidade de concepções pedagógicas; o respeito e a aceitação das diferenças, como elementos capazes de enriquecer a convivência e a aprendizagem humana. (MIRANORTE, 2021, p. 7-8).

Na Escola Municipal de Tempo Integral Felipe Fagundes de Carvalho são adotadas estratégias e propostas pedagógicas de acordo com as suas peculiaridades regionais, levando em consideração o contexto em que estão inseridos e as experiências apresentadas no ambiente escolar. Além disso, os educadores têm a liberdade e até incentivo de diversificar sua prática docente, com objetivo de atender as especificidades dos alunos e do ambiente.

No PPP da unidade de Ensino consta que,

Atualmente, as questões curriculares estão intimamente ligadas aos problemas sociais e aos aspectos culturais, o que se revela nas mudanças educacionais, na formulação das orientações legais e nos projetos educativos.

O currículo que se desenvolve, revelado em parte neste documento, expressa identidade, diversidade e autonomia, relativa é claro. Fazer acontecer um currículo que espelhe os desejos e intenções educativas da comunidade escolar é o foco do trabalho da grande equipe escolar (MIRANORTE, 2021, p. 43).

Sendo assim, a escola é um ambiente de diversidade e recebe alunos bem diferentes uns dos outros. Alguns demonstram grandes dificuldades, outros menos, mas percebe-se que a escola se esforça para dar apoio a todos. Diante disso, a Escola Municipal de Tempo Integral Felipe Fagundes de Carvalho pode ser considerada uma instituição que não é estática e, muito menos, previsível.

6 RESULTADOS OBTIDOS

Nesta subseção são apresentados resultados obtidos em pesquisa de campo que teve por objetivo analisar evidências da articulação entre aspectos afetivos presentes na relação professor-aluno e a percepção de alunos dos 4^{os}. e 5^{os}. anos.

6.1 Pesquisa entre os discentes

A primeira questão do questionário aplicado entre os discentes objetivou identificar como os alunos percebiam a presença da afetividade em sua interação com o professor.

Tabela 1: Existe afetividade entre alunos e professor nessa escola?

RESPOSTAS	QUANTITATIVO DE RESPONDENTES	%
Sim, com todos os professores.	6	75
Sim, com a maioria dos professores.	2	25
Sim, com poucos professores.	0	0
Não.	0	0
TOTAL DE PARTICIPANTES: 8		

Fonte: Elaboração da autora (2021).

A Tabela 1 permite afirmar que dentre os alunos participantes 75%, setenta e cinco por cento, reconhecem a presença da afetividade entre alunos e professores na escola.

Para Wallon, apud Burin (2019), é relevante que a escola ofereça formação integral para os alunos e que, a sala de aula seja muito mais que o espaço da presença de um corpo – o da criança – possibilitando a expressão de emoções, sentimentos e sensações. A afetividade para este autor é colocada em primeiro lugar uma vez que, por seu intermédio, é possível manifestar emoções condição indispensável para a comunicação da criança e seu intercâmbio com os demais, condição indispensável para seu desenvolvimento pleno e a formação de sujeitos mais participativos, pensantes e independentes.

A esse respeito Carvalho (2014) destaca que:

O professor deve atender ao universo desejante dos alunos, criando espaços para interagirem com seus colegas e desenvolverem seus sentimentos de afetividade, o que vai beneficiar a interação com os conteúdos acadêmicos e na construção de conhecimentos com autonomia. (CARVALHO, 2014 apud SUAVI, 2018, p. 36).

A segunda questão teve por objetivo identificar o nível de esforço do aluno em disciplina ministrada por professor com o qual tivesse afinidade.

Tabela 2: Você se esforça mais na matéria quando gosta do professor(a)?

RESPOSTAS	QUANTITATIVO DE RESPONDENTES	%
Sim	4	50
Não	2	25
Não sei responder	2	25
TOTAL DE PARTICIPANTES: 8		

Fonte: Elaboração da autora (2021).

A pesquisa nos permite afirmar que metade dos discentes respondentes confirmou que se esforçam mais em matérias lecionadas por professores dos quais gostam mais; 25%, vinte e cinco por cento, responderam negativamente indicando que não há empenho maior de esforço sendo a disciplina ministrada pelo Professor X ou pelo Professor Y. Os demais, um quarto de nossa amostra não souberam opinar, percebe-se que tiveram dificuldade em responder por não entenderem a pergunta.

A terceira questão buscou levantar a opinião dos alunos acerca de características docentes que os levasse a identificar atributos relevantes na atuação do professor reconhecendo-os como bons profissionais.

Tabela 3: Marque a característica mais significativa que um bom professor deve ter em sala de aula:

RESPOSTAS	QUANTITATIVO DE RESPONDENTES	%
Domínio de conteúdo	0	0
Autoridade em sala de aula	2	25
Boa relação com os alunos	2	25
Boa explicação	4	50
Dinamismo e criatividade	0	0
TOTAL DE PARTICIPANTES: 8		

Fonte: Elaboração da autora (2021).

No que tange ao atributo que os entrevistados avaliam como mais significativo em um bom professor em sala de aula 50%, cinquenta por cento, optaram pela boa explicação, ou seja, quando o professor detém o conhecimento e sabe transmiti-lo com propriedade e clareza de tal modo que o discente o assimile sem a necessidade de maiores esforços.

Outra parcela correspondente a 25%, vinte e cinco por cento, da amostra responderam ser determinante a boa relação com os alunos, objetivo central da presente pesquisa. Os demais 25%, vinte e cinco por cento, ou seja, um quarto dos participantes defende que a característica mais significativa de um bom professor é sua autoridade em sala de aula o que em nada está associado à intimidação verbal, às ofensas sejam de que ordem for ou mesmo a violência psicológica. A forma natural com a qual atua um professor, sem apelar à autoridade de seu papel, favorece conduta respeitosa e receptiva dos alunos além de propiciar ambiente favorável ao processo de ensino e aprendizagem em sala de aula.

A quarta questão visava conhecer o atributo que, segundo a opinião dos alunos, um professor precisaria ter para ser reconhecido pelos alunos como afetuoso.

Tabela 4: O professor afetuoso é aquele que:

RESPOSTAS	QUANTITATIVO DE RESPONDENTES	%
Demonstra atenção com seu aluno	4	50
Conversa com os alunos	3	37,5
Chama a sua atenção	1	12,5
Deixa a atividade ser entregue fora do prazo	0	0
TOTAL DE PARTICIPANTES: 8		

Fonte: Elaboração da autora (2021).

Os dados apresentados na Tabela 4, acima, nos permitem identificar que metade dos entrevistados apontou que o professor afetuoso é aquele que demonstra atenção por seu aluno.

Evidência esta que converge com os pressupostos defendidos por Wallon ao pontuar que a equipe escolar precisa reconhecer a importância de propiciar às crianças meio favorável que potencialmente atenda às demandas de cada fase de seu desenvolvimento. Nesse sentido, Almeida, (2010), defende a importância de a escola estar apta a formar os sujeitos em toda a sua complexidade integrando fatores cognitivos, afetivos e motores.

Chalita (2004, p. 153), aponta que:

(...) o professor é a referência, o modelo, é o exemplo a ser seguido e, exatamente por causa disso, o pouco que fizer afetuosamente, uma palavra, um gesto, será muito para o aluno com problemas, (...) pequenos gestos de atenção quebram barreiras e fertilizam o terreno da amizade entre ambos. (CHALITA, 2004, p. 153).

A quinta questão objetivava uma avaliação do aluno voltada a si mesmo no quesito autoestima no decorrer do cenário pandêmico.

Tabela 5: Como se apresenta a sua autoestima durante a pandemia?

RESPOSTAS	QUANTITATIVO DE RESPONDENTES	%
Boa	4	50
Regular	4	50
Ruim	0	0
Péssima	0	0
TOTAL DE PARTICIPANTES: 8		

Fonte: Elaboração da autora (2021).

Cabe mencionar que o agravamento da pandemia obrigando-nos ao distanciamento social no decorrer do ano letivo de 2021 manteve a necessidade da oferta do ensino remoto; as aulas presenciais foram retomadas apenas no mês de setembro. Conforme demonstram os dados da Tabela 5 metade dos entrevistados, apesar da pandemia, avaliaram sua autoestima favorável.

Fontana, (1998 p. 162), defende que “a relação afetiva do professor ao trabalhar a autoestima da criança desde pequena é muito importante porque criança com elevado grau de autoestima apresenta desempenho consistentemente melhor do que crianças de habilidades semelhantes com baixa autoestima”.

Desenvolver competências sociais tais como a autoestima, a autoconfiança e o autoconceito beneficiam, nos mais variados contextos, a aprendizagem significativa que por sua vez favorecem a constituição da identidade de forma positiva; seus projetos de vida não se consolidam desvinculados de sua trajetória acadêmica.

Outra metade dos participantes avaliou sua autoestima no período pandêmico como regular. Para entender melhor o resultado da pesquisa de campo buscou-se questionar os fatores que interferiam na autoestima dos alunos respondentes; relacionaram-na com doenças na família, perda de entes familiares, distanciamento dos professores, entre outros. Santos e Mendonça, (2021), pontuam:

A vivência de um estado de pandemia se constitui como uma afetação mundial das coletividades, mas também, uma mudança global na vida de cada indivíduo, sobre isso falamos de sua condição de saúde mental e todas as emoções e afetos que estão implicados para tal. Quando estes sujeitos são crianças em pleno processo de desenvolvimento e aprendizagem o olhar precisa ser ainda mais sensível. (SANTOS; MENDONÇA, 2021, p. 112).

Neste sentido faz-se necessário que toda a equipe escolar esteja sensibilizada às perdas dos alunos que ainda assimilam os seus traumas.

Identificar a condição das relações significativas professor-aluno em meio á pandemia foi o objetivo da sexta questão.

Tabela 6: Como está sua relação afetiva com o (a) professor (a) nesse período de pandemia?

RESPOSTAS	QUANTITATIVO DE RESPONDENTES	%
Boa	6	75
Regular	2	25
Ruim	0	0
Péssima	0	0
TOTAL DE PARTICIPANTES: 8		

Fonte: Elaboração da autora (2021).

Observa-se que 75%, setenta e cinco por cento, dos alunos que efetivamente responderam à pesquisa de campo consideram a relação afetiva com seus professores satisfatória em meio à pandemia.

A atuação desses educadores converge ao destaque enfatizado por Freire, (1996, p. 53) “A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança (...)”.

Diante do cenário da pandemia, várias medidas em diferentes contextos, comerciais, educacionais, empresariais, sanitários, turísticos, entre outros, foram adotadas. No âmbito educacional uma destas medidas foi o ensino remoto.

Segundo Santos e Mendonça (2021)

O que vem à tona é o quanto o ensino remoto como alternativa para não parar o ano letivo, viabilizou uma prática de ensino que atendesse as condições de um processo de ensino aprendizagem amplo, já que a continuidade da socialização foi partida, é imprescindível a reconfiguração das relações e a construção de novas mediações diante de outro formato de contato (SANTOS; MENDONÇA, 2021, p. 116).

Ainda as mesmas autoras defendem que “a relação dos professores com seus alunos incorre em fator essencial para aquisição do conhecimento, uma relação afetiva equilibrada

traz consequências na formação do autoconceito dos estudantes” (SANTOS; SANCHES, 2015, p. 32).

O autoconceito é uma das mais potentes características de uma singularidade que se constitua em condições favoráveis de enfrentar os desafios do cotidiano; seja ao expressar-se positivamente verbal ou corporalmente, ou seja, pelo corpo, o aprendizado não é tão somente em decorrência dos conteúdos, mas é diretamente impactado pela forma com que os professores exprimem tais linguagens: fala, posição corporal e das emoções transmitidas pelos diferentes canais que ressurgiram na pandemia.

6.2 Pesquisa entre os docentes

As entrevistas foram realizadas com os docentes no dia vinte e cinco de outubro de dois mil e vinte e um. Participaram efetivamente duas professoras da Escola Municipal de Tempo Integral Felipe Fagundes de Carvalho, em Miranorte-TO.

Ao início da conversa foram explanados os objetivos da pesquisa de campo informando ser “identificar a influência da afetividade na aprendizagem das crianças no ensino fundamental”. Ressalta-se que a identificação das professoras será feita somente com a utilização das letras “A”, e “B”, preservando sua identidade e o sigilo de suas respostas.

Na sequência foi indagado às professoras o que seria, em sua opinião a afetividade:

Professora A: Afetividade é tratar com carinho, empatia e respeito cada aluno.

Professora B: Carinho e atenção no contato com os alunos.

Nota-se que as entrevistadas têm uma compreensão da afetividade mais próxima ao senso comum sem alcançar escala mais elaborada a partir da qual a afetividade pode ser decomposta em cinco elementos básicos: humor, emoções, sentimentos, paixão e afeto.

De acordo com Suavi (2018) a afetividade tem um conceito amplo e engloba reações corporais resultantes de emoções e sentimentos, e estes estão diretamente ligados à construção de relações afetivas; o processo educativo é apenas uma destas relações que envolve a convivência tanto com os professores, como com os demais atores da escola.

Diante da complexidade das variáveis que compõem a afetividade é compreensível que as entrevistadas reduzam seu conceito ao contato com os próprios alunos; entendem as mesmas que a afetividade deva partir primeiramente delas.

Uma segunda questão apresentada foi: “Você vê alguma relação entre afetividade e aprendizagem? Ser afetivo com o aluno proporciona melhor a aprendizagem?”.

As professoras entrevistadas responderam da seguinte maneira:

Professora A: Sim, a forma como redigir uma atividade e esclarecer as dúvidas de cada um individualmente, ajudando e contribuindo para o desenvolvimento de cada um e proporcionar melhor aprendizagem e os ensinar a ter carinho pelo próximo.

Professora B: Sim, desde que não atrapalhe o desenvolvimento do aluno.

Com base na resposta obtida da professora A é possível afirmar que ela entende que existe relação entre afetividade e aprendizagem, e através de sua prática cotidiana ao elaborar uma atividade, ao tratar os alunos com igualdade, respeito, carinho e atenção, proporciona o desenvolvimento e aprendizagem dos seus alunos.

Frente a esta questão Barbosa, (2020), ressalta a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem, na relação professor-aluno uma vez que ela é frequentemente vista como uma energia que impulsiona as ações. Neste sentido, os alunos que se sentem acolhidos pelos professores e reconhecem sua afetividade terão maior energia e empenho para realizar suas atividades escolares uma vez que o vínculo de confiança com o professor trará maior bem-estar e segurança a eles.

A entrevistada B afirmou que há uma relação entre afetividade e aprendizagem, porém não soube responder de que forma ela acontece.

Na sequência questionamos aspectos específicos da formação das professoras entrevistadas: “No curso superior de Licenciatura aprendeu ou obteve formação para trabalhar a afetividade no âmbito educacional?”

Ambas as docentes responderam:

Professora A: Tratar a todos com igualdade.

Professora B: O sentimento é humano, mas não pode ser extrapolado nas relações em sala de aula.

As respostas obtidas demonstram que as discentes não tiveram clareza a pergunta, e suas respostas ficaram na forma como tratam os seus alunos e na relação dentro da sala de aula. Porém vale ressaltar a importância da preparação acadêmica para a atuação docente.

Silva (1993, p. 95) corrobora para a ideia sobre a formação inicial, ao defender que,

O preparo acadêmico prévio recebido pelo professor apresenta-se como um determinante de sua identidade, principalmente no que se refere ao corpo de conhecimentos, que serve de base ou ponto de partida para suas decisões pedagógicas. (SILVA, 1993, p. 95).

Em relação à prática cotidiana das docentes entrevistadas, perguntou-se: Prática, segundo o seu próprio conceito sobre o termo, há afetividade nas suas aulas? De que maneira? Cite exemplos.

As respostas obtidas foram as seguintes:

Professora A: Sim, citou como exemplo as formas de tirar as dúvidas e minhas formas de tratamento com os alunos.

Professora B: Sim, e, como exemplo através das aulas ministradas, do diálogo com paciência, pois o aluno precisa de atenção para ter bom aprendizado.

As palavras das docentes deixam claro que a afetividade representa um aspecto importante no processo de aprendizagem, e tem como base o diálogo, a paciência e atenção.

Interrogadas se acreditam que um professor afetuoso teria maior facilidade em trabalhar na sala de aula reportam:

Professora A: Depende da maneira como o professor trabalha, suas metodologias.

Professora B: Se você gosta do que faz, tudo fica mais fácil.

Frente a esta questão, Santos e Silva (2002, p. 12) elucidam:

Alguns professores sentem que seu relacionamento com os alunos determina o clima emocional da sala de aula. Esse clima poderá ser positivo, de apoio ao aluno, quando o relacionamento é afetuoso, cordial. Neste caso, o aluno sente segurança, não teme a crítica e a censura do professor. Seu nível de ansiedade mantém-se baixo e ele pode trabalhar descontraído, criar, render mais intelectualmente. Porém, se o aluno teme constantemente a crítica e a censura do professor, se o relacionamento entre eles é permeado de hostilidade e contraste, a atmosfera da sala de aula é negativa. Neste caso, há o aumento da ansiedade do aluno, com repercussões físicas, diminuindo sua capacidade de percepção, raciocínio e criatividade. (SANTOS; SILVA, 2002, p. 12).

Outra questão abordada nas entrevistas diz respeito à relação que se estabelece entre afetividade e autoritarismo. A questão apresentada foi formulada da seguinte maneira: O professor afetuoso tem o respeito dos seus alunos da mesma forma que o professor “autoritário”?

As respostas obtidas foram significativamente distintas:

Professora A: Sim, até porque ser afetivo não significa não ter autoridade; ao mesmo tempo podemos assimilar os dois termos.

Professora B: Depende do domínio do professor com a turma.

Nesse sentido importante contextualizar que o professor, de uma forma ou de outra, continua sendo a maior autoridade em sala de aula. Isso, de forma alguma, significa que a

autoridade transforme-se em autoritarismo. A este respeito Freire trata do bom senso ao empregar o poder de autoridade, sem apelar ao autoritarismo:

É meu bom senso que me adverte de que exercer a minha autoridade de professor de classe, tomando decisões, orientando atividades, estabelecendo tarefas, cobrando a produção individual e coletiva do grupo não é sinal de autoritarismo de minha parte. É minha autoridade cumprindo o seu dever. (FREIRE, 1996, p. 43).

Em relação à instituição em que trabalham houve o seguinte questionamento: A escola em que você trabalha ensina a solidariedade? A escola proporciona viver em solidariedade? De que forma?

Professora A: Sim, e destacou a solidariedade que é sempre lembrada assim como o amor ao próximo.

Professora B: Sim, o trabalho em conjunto leva os alunos a se relacionarem entre si.

Observa-se que as respostas foram relativamente vagas e, de certa forma, incompletas uma vez que não foram citados exemplos de atividades realizadas na escola que pudessem comprovar proposta coletiva de ensino tratando do tema da solidariedade.

Com origem no termo da língua francesa *solidarité*, a solidariedade está associada a capacidade do sujeito em perceber a dificuldade do outro e de estar disposto a colaborar com a busca de uma solução ou, minimamente, de estar pronto para dar apoio àquele que está precisando de ajuda.

Entender o conceito de solidariedade pode ser assumido ainda mais relevante do que possa, a princípio parecer. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) inclui as práticas solidárias entre as habilidades e aprendizagens necessárias para a formação integral de nossos alunos.

A solidariedade é um princípio da formação humana que promove integração e harmonia nas relações sociais. Em função disto, se faz cada vez mais urgente ensinar a solidariedade na escola, a fim de transmitir aos alunos a necessidade de ajudar o próximo. São exemplos dessa prática na escola: conversar sobre solidariedade, desenvolver empatia, incentivar o engajamento em causas sociais, promover reflexões diárias, entre tantas outras possibilidades.

Neste sentido, adotamos os preceitos defendidos por Santos (2015), ao afirmar que:

a solidariedade é construída socialmente pelas interações sociais dos indivíduos, logo, é importante que a escola como espaço de socialização da criança e como corresponsável pela formação das crianças junto a outras instituições sociais, como a família, por exemplo, assuma a responsabilidade de não se restringir apenas a ensinar a ler e escrever ou a executar as operações matemáticas, mas ter clara a

intencionalidade de formar cidadãos. É fundamental que os espaços educativos e os educadores se conscientizem da importância de formarem indivíduos solidários, assim as crianças aprenderão a conviver socialmente com os outros (SANTOS, 2015, p. 18).

Em suma, ressalta-se que a solidariedade é uma virtude construída por meio do convívio social, o que evidencia a importância de exemplos solidários no dia-a-dia das nossas instituições escolares.

A solidariedade tem o poder, entre outras virtudes, de provocar grandes transformações tanto a quem a pratica, quanto a quem a recebe.

Ademais, em um tempo como o atual, em que ainda sentimos os efeitos e as consequências da pandemia da COVID-19, de tantas dores e perdas, ações de solidariedade, generosidade e mesmo de afetividade trazem a cada um de nós esperança e união.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa científica, análises e reflexões que ora se apresentam pretendeu abordar a influência da afetividade como mediadora da aprendizagem significativa de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Quando nos propusermos a buscar em autores renomados do campo de estudos da Pedagogia como Piaget, Vygotsky e Wallon, que pudessem demonstrar a importância da afetividade em sua articulação direta com a aprendizagem significativa de nossos alunos, pôde-se compreender que a afetividade é elemento indispensável à formação do aluno como sujeito integral, tendo em vista que este não apenas pensa, mas sente e age conforme seus afetos, suas emoções e seus sentimentos.

No que se refere ao objetivo de compreender a importância da afetividade na validação da relação professor-aluno do ponto de vista discente, percebemos que o professor tem o papel relevante de analisar, compreender e trabalhar com as emoções da criança possibilitando o seu pleno desenvolvimento afetivo no ambiente escolar.

Com relação ao objetivo de identificar a defesa da presença de afetividade nas práticas pedagógicas recomendadas às escolas por documentos oficiais da Educação, pudemos entender que nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, as crianças vivenciam mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que irão repercutir em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo. Conforme rege a BNCC a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam seja a dimensão intelectual (cognitiva), seja a dimensão afetiva.

Na perspectiva de Chalita (2004), o aluno como sujeito do processo educativo,

(...) tem de ser amado, respeitado e valorizado. (...) O aluno é um gigante que precisa ser despertado. Todo e qualquer aluno tem vocação para brilhar, em áreas distintas, de formas distintas; mas é um ser humano e, como tal, possui inteligência, potencial; se for orientado, acompanhado por educadores conscientes do seu papel, poderá produzir, crescer e construir caminhos de equilíbrio, de felicidade (CHALITA, 2004, p. 257-258).

O professor é sujeito central na formação do aluno. Ainda uma vez mais segundo Chalita (2004, p. 175), “é um líder que tem nas mãos a responsabilidade de conduzir um processo de crescimento humano, de formação de cidadãos, de fomento de novos líderes”.

No decorrer de nossas pesquisas, estudos e reflexões foi possível reconhecer que a aprendizagem significativa recebe influência direta das trocas que têm lugar na sala de aula,

sejam de sentimentos, emoções, partilha ou afetividade; na medida em que o professor expressa afeto, respeito e equilíbrio os alunos o percebem ainda que intuitivamente e respondem tornando-se mais receptivos aos objetivos de seu próprio aprendizado.

Nesse sentido, a guisa de conclusão, a pesquisa de campo possibilitou-nos a nós entendermos que o professor em seu papel de mediador mais experiente do processo de ensino-aprendizagem potencializa o envolvimento e o comprometimento de seu aluno com o conhecimento e favorece sua aprendizagem significativa quando exerce a educação em seu sentido mais amplo evitando barreiras desnecessárias à sua aprendizagem, e aos objetivos centrais de uma relação professor-aluno repleta de significados; segundo Freire o humano se humaniza quando encharca sua ação da mais genuína humanidade...

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. R. de. MAHONEY, A. A. **Afetividade e aprendizagem:** contribuições de Henri Wallon. Editora: Edições Loyola, 2007. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Afetividade_e_aprendizagem_Contribui%C3%A7%C3%B5/RdnjVlcTodEC?hl=ptBR&gbpv=1&dq=A+tradicional+vis%C3%A3o+dualista+do+Homem&printsec=frontcover. Acesso em: 17 out. 2021.
- ALMEIDA, L. R. Wallon e a Educação. *In:* MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. (Orgs.). **Henri Wallon:** psicologia e educação. São Paulo: Loyola, 2010. p. 71-87.
- ALMEIDA, Laurinda Ramalho de, (2000). **Wallon e a Educação.** *In:* Henri Wallon – **Psicologia e Educação.** São Paulo: Loyola.
- ANDRADE, Karla Jordania Bezerra. **Sentidos da Afetividade da BNCC:** Análise no Ensino Fundamental anos iniciais. Monografia. João Pessoa, 2018. 40 p.
- BARBOSA, Eliane dos Santos. Afetividade no processo de aprendizagem. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 41, 27 de outubro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/41/afetividade-no-processo-de-aprendizagem>. Acesso em: 22 out. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em 28 out. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em 15 dez. 2021.
- BURIN, F. O. **As emoções e a afetividade na aprendizagem segundo Wallon.** Publicado em: 11 set. 2019. Atualizado: 24 ago. 2021. Disponível em: <https://www.impare.com.br/post/as-emo%C3%A7%C3%B5es-e-a-afetividade-na-aprendizagem-segundo-wallon>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- CHALITA, G. **Educação:** a solução está no afeto. 11ª ed. São Paulo: Gente, 2004.
- CODO, W.; GAZZOTTI, A.A. Trabalho e Afetividade. *In:* CODO, W. (coord.). **Educação, Carinho e Trabalho.** Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.
- DANTAS, Heloysa. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon *In:* LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon:** teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992. p. 85-98. Disponível em <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/13184/1/KJBA01022019.pdf>. Acesso em 03 abril.2022.
- FONSECA, Vitor da. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 3, n. 102, p. 365-384, 2016.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v33n102/14.pdf>. Acesso em 22 out. 2021.

FONTANA, David. Aprendizado. **Psicologia para professores**. São Paulo: Loyola, 1998.

FRANÇA, Eloá Barbosa Moreira Mendes & DINIZ, Claudia. A influência do afeto no processo de aprendizagem. *In*: VELASQUES, Bruna Brandão. **Neurociências e aprendizagem: processos básicos e transtornos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rubio, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. A escola. **Nova Escola**, São Paulo, n. 163, Jun-Jul, 2003.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

KOCHHANN, Andréa; ROCHA, Vanessa Amélia da Silva. **A afetividade no processo ensino-aprendizagem na perspectiva de Piaget, Vygotsky e Wallon**. 2015. Disponível em: <<https://www.anais.ueg.br/index.php/semintegricao/article/view/5567>> Acesso em: 10 fev. 2022.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992. Acesso em: 22 out. 2021.

MARTINS, Joseane. et al. A presença do diálogo na relação professor-aluno. *In*: **V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife**, 19 a 22 - setembro 2005. Disponível em: http://www.paulofreire.org.br/pdf/comunicacoes_orais/A%20PRESEN%C3%87A%20DO%20DI%20C3%81LOGO%20NA%20RELA%C3%87%C3%83O%20PROFESSOR-ALUNO.pdf Acesso em: 20 out. 2021.

MIRANORTE (Município). Secretaria Municipal de Educação. Escola Municipal de Tempo Integral Felipe Fagundes de Carvalho. **Projeto Político Pedagógico da Escola (PPP)**. Miranorte: SEMED, 2021.

MORAIS, C. F de. **Representações sociais de professores de ensino fundamental sobre afetividade na prática docente**. 1 ed. Rio de Janeiro: Gramma, 2018. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Representa%C3%A7%C3%B5es_sociais_de_professores/NJZ_DwAAQBAJ?hl=ptBR&gbpv=1&dq=Teorias+de+Piaget,+Vygotsky+e+Wallon+AFETIVIDADE+NA+APRENDIZAGEM&printsec=frontcover. Acesso em 21 out. 2021.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. O problema da afetividade em Vygotsky. *In*: LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 9. ed. São Paulo: Summus, 1992. p. 75-84.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RODRIGUES, G. M. M. de M; BLASZKO, C. E.; UJIE, N. T. **A afetividade na relação professor-aluno e o processo ensino-aprendizagem**: discussão de dados mediatizada pelo portal CAPES. Disponível em:
<https://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/3960/3280>. Acesso em 22 out. 2021.

ROSSINI, M. A. S. **Pedagogia afetiva**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SABINO, S. **O afeto na prática pedagógica e na formação docente**: uma presença silenciosa... Editora: Paulinas, 2012. Disponível em:
https://www.google.com.br/books/edition/O_afeto_na_pr%C3%A1tica_pedag%C3%B3gica_e_na_for/y5VRDwAAQBAJ?hl=ptBR&gbpv=1&dq=Teorias+de+Piaget,+Vygotsky+e+Wallon+AFETIVIDADE+NA+APRENDIZAGEM&printsec=frontcover. Acesso em: 19 out. 2021.

SANTOS, G.; MENDONÇA, M. Pandemia e o ensino remoto: uma reflexão acerca da vivência afetivo-emocional dos estudantes. **REH- Revista Educação e Humanidades** e- ISSN 2675-410X 110. Universidade Federal do Amazonas. Volume II, número 1, jan-jun, 2021, pág. 110-131. Disponível em:
<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/reh/article/download/8499/6054>. Acesso em 12 jan. 2022.

SANTOS, Geny Alexandre dos & SANCHES, Isabel Rodrigues. **A inclusão de pessoas com necessidades educativas especiais**. Recife: Libertas, 2015.

SANTOS, Roseane; SILVA, Andréa. **Relação professor aluno**: uma reflexão dos problemas educacionais. Trabalho de conclusão de curso. UNAMA. 2002.

SAVIANI, Deverval. **Escola e Democracia**. 25ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

SILVA, E. T. **Professor de 1º grau**: identidade(s) em jogo. 2001. 130 f. Tese (Livre Docência) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1993.

SUAVI, L. N. **A afetividade na Educação Infantil**: uma análise documental a partir de Base Nacional Comum Curricular. Monografia (Graduação) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2018. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/203269/000911528.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 out. 2021.

VEIGA, Ilma Passos da. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. *In*: VEIGA, Ilma Passos da (org.). **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção possível. Campinas: Papirus, 1998. p.11-35.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, Lev Semynovich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2003.

WALLON, H. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista para alunos

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista com os educadores

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista para alunos

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE PEDAGOGIA****MONOGRAFIA SOBRE: A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE COMO MEDIADORA
DA APRENDIZAGEM: UM RECORTE COM CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL DE TEMPO INTEGRAL
FELIPE FAGUNDES DE CARVALHO EM MIRANORTE (TO)**

AUTORA: Eliane Santos da Silva (eliane.santos@mail.uft.edu.br)

ORIENTADOR: Prof^a. Dr^a. Brigitte Ursula Stach-Haertel.**ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA ALUNOS**

A seguir você responderá um questionário que contará com suas experiências e impressões ao longo de sua vida escolar, sua participação é de extrema importância para a pesquisa desenvolvida sobre a afetividade e o processo de ensino aprendizagem. Não é preciso identificar-se. Somente a turma _____

1. Existe afetividade entre alunos e professor nessa escola?
 Sim, com todos os professores.
 Sim, com a maioria dos professores.
 Sim, com poucos professores.
 Não.

2. Você se esforça mais na matéria quando gosta do professor(a)?
 Sim
 Não
 Não sei responder

3. Marque a característica mais significativa que um bom professor deve ter em sala de aula:
 Domínio de conteúdo
 Autoridade em sala de aula
 Boa relação com os alunos
 Boa explicação
 Dinamismo e criatividade
4. O professor afetuoso é aquele que:
 Conversa com os alunos
 Demonstra atenção com o seu aluno

Chama a sua atenção

Deixa a atividade ser entregue fora do prazo

5. Como se apresenta a sua autoestima durante a pandemia?

Bom

Regular

Ruim

Péssimo

6. Como está sua relação afetiva com o (a) professor (a) nesse período de pandemia?

Bom

Regular

Ruim

Péssimo

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista com os educadores

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

MONOGRAFIA SOBRE: A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE COMO MEDIADORA DA APRENDIZAGEM: UM RECORTE COM CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL DE TEMPO INTEGRAL FELIPE FAGUNDES DE CARVALHO EM MIRANORTE (TO)

AUTORA: Eliane Santos da Silva (eliane.santos@mail.uft.edu.br)

ORIENTADOR: Prof^a. Dr^a. Brigitte Ursula Stach-Haertel.

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS EDUCADORES

Caro professor, sua contribuição para essa pesquisa permitirá desenvolver um estudo de caso da afetividade e do processo ensino-aprendizagem. São perguntas de caráter geral em relação ao tema, suas impressões serão transcritas sem a identificação nominal no Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal do Tocantins. A entrevista segue o roteiro abaixo.

1. Qual o conceito de afetividade?

2. Você vê alguma relação entre afetividade e aprendizagem? Ser afetivo com o aluno, proporciona melhor aprendizagem?

3. No curso superior de Licenciatura aprendeu ou obteve recursos para trabalhar a afetividade no âmbito educacional?

4. Prática, segundo o seu próprio conceito sobre o termo, a afetividade nas suas aulas? De que maneira? (Exemplos)

5. Acredita que o professor afetuoso tenha mais facilidade ou dificuldade em trabalhar na sala de aula?

6. O professor afetuoso tem o respeito dos seus alunos da mesma forma que o professor “autoritário”?

7. A escola que você trabalha ensina solidariedade? a escola proporciona viver em solidariedade? De que forma?
